

VIVÊNCIAS EDUCATIVAS NA ESCOLA MUNICIPAL AMBIENTALISTA CHICO MENDES: INTERDISCIPLINARIDADE E EXPERIÊNCIAS RESSIGNIFICATIVAS EM UM CONTEXTO RURAL RODOVIÁRIO

Beatriz Ferreira Santiago

Acadêmica do 8º período do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: biasantiago015@gmail.com

Laura Rayssa Miranda Viana

Acadêmica do 7º período do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: lauramirandavv@gmail.com

Lucilene Pacheco Santos

Formadora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq.
Coordenadora Pedagógica do PAD.
Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/Semed/Manaus.
E-mail: lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

Maria do Perpetuo Socorro Sotero da Silva

Formadora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq.
Coordenadora Pedagógica do PAD.
Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/Semed/Manaus.
E-mail: mariaperpetuo.sotero@semed.manaus.am.gov.br

RESUMO: O presente relato tem como finalidade apresentar em forma de narrativa as experiências vivenciadas em sala de aula de duas discentes de licenciaturas em Pedagogia e Letras, ambas pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. As práticas foram realizadas nas turmas de 2º e 3º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Ambientalista Chico Mendes, que se localiza em área rural de Manaus por meio do Projeto Oficinas de Formação em Serviço (OFS) e Assistência à Docência realizado pelo Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação – Lepete. Trata-se, portanto, de uma reflexão acerca de nossas experiências atuando em sala de aula, sustentada teoricamente por uma perspectiva interdisciplinar do e no processo de ensino de aprendizagem. A interdisciplinaridade está relacionada a processos de integração entre diferentes saberes e é crucial para a eficácia do trabalho em sala de aula. Por isso, este trabalho busca apresentar, baseando-se nos pressupostos teóricos de Piaget (1973), sobre a interdisciplinaridade, relatos de experiência que enfatizam a importância e eficiência do trabalho interdisciplinar no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Práticas escolares. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT: The present report aims to present in narrative form the experiences experienced in the classroom of two students of degrees in Pedagogy and Letters, both by the University of the State of Amazonas - UEA. The practices were carried

out in the 2nd and 3rd grade classes of the Elementary School Chico Mendes Environmental Municipal School, which is located in a rural area, Manaus through the Project Workshops of Training in Service (OFS) and Teaching Assistance carried out by the Laboratory of Teaching, Research and Transdisciplinary Experiences in Education - Lepete. It is, therefore, a reflection about our experiences acting in the classroom, supported theoretically by an interdisciplinary perspective of and in the process of learning teaching. Interdisciplinarity is related to integration processes between different knowledge and is crucial for the effectiveness of classroom work. Interdisciplinarity is related to integration processes between different knowledge and is crucial for the effectiveness of classroom work. Therefore, this work seeks to present, based on the theoretical assumptions of Piaget (1973) about interdisciplinarity, experience reports that emphasize the importance and efficiency of interdisciplinary work in the teaching and learning process.

Keywords: Interdisciplinarity. School practices. Teaching-learning.

INTRODUÇÃO

O presente relato tem como finalidade discorrer sobre as experiências vivenciadas em sala de aula de duas discentes de licenciaturas em Pedagogia e Letras, ambas pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. As práticas foram realizadas nas turmas de 2º e 3º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Ambientalista Chico Mendes, que se localiza em área rural de Manaus por meio do Projeto Oficinas de Formação em Serviço (OFS) e Assistência a Docência realizado pelo Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação – Lepete.

O Lepete é um espaço para experiências em formação que contempla vários projetos como esses, que atuam em duas dimensões de formações: a inicial e a continuada. As OFS são desenvolvidas a partir de uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e consiste em professores realizarem a pós-graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente diretamente nas escolas onde trabalham. O projeto Assistência à Docência é voltado para a formação continuada dos discentes de licenciaturas e tem como objetivo aproximar a universidade da escola, permitindo que os graduandos coloquem em prática o teórico-metodológico. O projeto é articulado com as OFS e permite que não ocorra interrupções durante as formações dos professores, pois os assistentes à docência assumem as salas enquanto os professores estão em formação.

Nesse sentido, o projeto vem contribuindo para a ampliação dos nossos conhecimentos enquanto docentes em formação, através dos estudos e práticas docentes exercidas, que proporcionam a formação das nossas identidades profissionais a partir de troca de saberes e construção de conhecimentos. Visando colocar em prática essa interdisciplinaridade, nos fundamentamos nos

pressupostos teóricos de Piaget (1973), Guimarães (2012) e Soares (2009), e nas nossas atividades de assistência à docência, relatamos neste trabalho as experiências em sala de aula.

Quanto à estrutura deste trabalho, essa se dará da seguinte forma: a seção um trata das nossas trajetórias acadêmicas, a seção dois versa sobre a identificação da escola, contextualização das turmas trabalhadas e relatos das atividades realizadas. Já na seção três está presente o aporte teórico que fundamenta a análise das práticas interdisciplinares, além da descrição das atividades realizadas no Projeto de Assistência à Docência que possibilita trocas de saberes entre os docentes, além da profissionalização concedida. Por fim, apresentaremos as considerações finais a respeito dos relatos de experiências.

TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS: ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA

Beatriz Santiago

Eu, Beatriz, assistente à docência do projeto Oficina em Formação, atualmente discente de pedagogia no oitavo período na Escola Normal Superior, comecei minha trajetória profissional acadêmica muito cedo. Desde o segundo período, participo de programas que oferecem estágio em educação. A minha história com o Lepete começou no quarto período da graduação, quando conheci o projeto em si e admirei sua estrutura e, principalmente, o que ele oferecia para os discentes de licenciatura. Desse modo, com uma vontade enorme de participar, me candidatei a uma vaga. O Lepete foi e é um dos principais protagonistas do meu crescimento acadêmico e do desenvolvimento da identidade profissional que venho construindo ao longo dessa jornada baseada em muito amor e respeito pela educação.

Laura Miranda

Eu, Laura, assistente à docência do projeto Oficina em formação, sou aluna do curso de Letras da Escola Normal Superior e estou cursando o sétimo período atualmente. A minha trajetória profissional acadêmica começou desde o segundo período quando entrei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que, inclusive, foi de grande importância para o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Por sempre ter apreciado estar em sala de aula lecionando, eu não quis parar depois da experiência no PIBID. Indo atrás de outros possíveis projetos envolvendo a prática docente, encontrei o Lepete, que me conquistou desde o início pela sua estrutura atrativa e todos os seus subprojetos envolvendo os discentes das mais diversas licenciaturas, especialmente o da Assistência à Docência (AD), da qual faço parte. O Lepete, sem dúvidas, é um dos principais responsáveis pelo meu progresso enquanto acadêmica e futura docente, e é por meio dessa jornada composta de grandes desafios e responsabilidades, que me

sinto cada dia mais segura para práticas docentes após a graduação. Ademais, apesar dos desafios da realidade escolar, o projeto de Assistência à Docência torna tudo mais fácil e leve com o seu olhar de cuidado para com os alunos, professores e ADs.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES NO ENSINO DE PORTUGUÊS E MATEMÁTICA

As experiências foram realizadas na Escola Municipal Ambientalista Chico Mendes, situada à Av. Dos Guaranás, 1181, na comunidade 23 de setembro, AM010 Km10, Zona Rural de Manaus. Atualmente a Escola funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno atendendo duzentos e três alunos moradores da comunidade ou das proximidades onde suas famílias vivem de pequenas vendas, caseiros de sítios, trabalhadores de granjas e rurais. Os alunos são de famílias de baixa renda que muitas vezes vivem apenas de programas de bolsas governamentais. A escola atende a etapa do Ensino Fundamental, anos iniciais e anos finais, além da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Trabalhamos no turno matutino nas turmas de 2º e 3º ano A do ensino fundamental. As salas eram espaçosas e bem climatizadas, comportavam cada uma cerca de 20 a 30 alunos em cada, mas em nossas aulas somente uns 15 estavam presentes em cada turma, devido às medidas de segurança adotadas pela SEMED em decorrência das circunstâncias pandêmicas.

Em ambas as turmas os alunos estavam comportados e atenciosos. Apesar de uns problemas com o ar condicionado no 2º ano A, conseguimos fazer um trabalho articulado e obtivemos bons resultados de aprendizado. Em relação à experiência com a turma do 3º ano A, logo que chegamos à escola fomos direcionadas à sala de aula. A professora Deisi Pereira nos recebeu e orientou a continuarmos a atividade que estava ministrando sobre o conteúdo “adição” da disciplina matemática.

Começamos com um breve diagnóstico sobre o conteúdo para sabermos como as crianças estavam. Explicamos o conceito de forma a trabalhar o contexto em que os alunos vivem. Demos início à explicação sobre adição, falamos para as crianças que as janelas das salas eram todas de vidro e que dessa forma conseguimos ver as árvores que ficavam no jardim da escola. Então pedimos para que cada um contasse as árvores que se via de um lado e depois contasse as árvores que estavam do outro lado, e que, assim, no seu caderno, efetuasse a operação e somasse, para saber quantas árvores tinham no jardim da escola. Depois, escrevemos a operação $(3+2)$ na lousa e pedimos que os alunos nos dissessem qual era o resultado.

Logo depois, verificamos os cadernos de cada um e todas as crianças tinham respondido o cálculo correto. Desse modo, percebemos que as crianças já tinham certo domínio em relação ao conteúdo. Continuando com o assunto, o

professor nos deixou folhinhas com operações de adição para distribuímos aos alunos. Então, cada um recebeu uma folha e a atividade consistia em resolver essas operações. Apesar de os alunos mostrarem domínio do conteúdo, efetuamos as operações no quadro para que todos pudessem acompanhar as resoluções.

Então, pedimos que eles, um de cada vez, fossem ao quadro para que resolvessem uma questão, buscando auxiliar nos seus processos de aprendizagem. Enquanto uma de nós, AD, auxiliava as crianças na lousa, a outra passava em cada carteira para verificar se o aluno estava conseguindo acompanhar a atividade. Também verificamos que um aluno estava um pouco mais atrasado do que os demais e nos disponibilizamos a auxiliá-lo, percebendo que as operações com números maiores eram sua principal dificuldade.

Quando o aluno resolvia as questões com os dedinhos e a soma ultrapassava o valor dos dedos da mão, ele não conseguia resolver, então conversei com ele e disse que todas as vezes que os números fossem maiores e que ultrapassem os quantitativos dos dedos, que ele fizesse bolinhas no caderno para continuar a contagem e assim obter o resultado e nesse processo, com isso, fui auxiliando até a última questão.

A maioria dos alunos já havia terminado a atividade e assim esperamos alguns minutos para levá-los para o lanche. Voltamos para a sala e pedimos que os alunos sentassem em suas carteiras para que pudéssemos explicar a próxima atividade que foi uma gincana de matemática. Explicamos que iríamos dividir a sala em dois grupos e que esses grupos fariam duas filas e assim cada criança iria ao quadro para resolver uma questão de adição. A equipe podia ajudar o aluno que estava no quadro a resolver os cálculos.

A equipe que conseguisse a maior pontuação ganhava a brincadeira. As crianças se mostraram empenhadas e animadas para resolver as questões, trabalhavam em equipe ajudando o seu grupo, nos pediam ajuda quando tinham dúvida e a atividade rendeu até o último tempo de aula. É importante que o ensino da matemática nos anos iniciais do ensino fundamental esteja associado com a parte lúdica, pois para que as crianças atribuam significados aos conceitos matemáticos, nesta faixa etária, é necessário aliar esses conceitos a brincadeiras.

Nos despedimos dos alunos e dissemos que foi muito gratificante trabalhar com eles e que muito em breve voltaríamos a revê-los. Guimarães (2012, p. 54) relata que “partindo da concepção construtiva piagetiana, o ensino da matemática deveria orientar-se para as potencialidades, limitações e erros dos alunos, uma vez que o conhecimento vai se construindo junto com o sujeito”.

Em relação à experiência com a turma do 2º ano A, chegamos em sala de aula e demos continuidade a uma atividade de geografia que a professora Francisca de Souza havia passado sobre zona rural e zona urbana. Além disso, a professora deixou outra atividade para ser trabalhada após a finalização da primeira sobre as letras “C” e “V” para trabalharmos com o som e a escrita.

A atividade de geografia possuía algumas imagens com muitas árvores, sem povoado e outras com muitas casas, prédios e pouca plantação/árvore. Os alunos deveriam identificar quais daquelas imagens poderiam ser consideradas demonstrações de áreas urbanas e rurais. Então, pedimos pra cada um citar elementos que fazem parte de uma área rural e logo fomos anotando no quadro.

Todos os alunos participaram, citaram itens do meio em que vivem e conseguiram entender o propósito da atividade, que era o de diferenciar esses elementos da zona urbana e rural (na qual tinham maior familiaridade). Após o término da atividade de geografia, os alunos foram para o intervalo e voltaram bem agitados, mas estavam bastante dispostos para a realização de outra atividade, dessa vez de língua portuguesa.

No momento da atividade sobre as letras “C” e “V”, tivemos a ideia de fazer uma rodinha para começarmos a falar sobre as palavras que os alunos haviam citado no exercício anterior, ainda presentes no quadro. Perguntamos quais delas tinham os sons do C e do V e eles foram ao quadro circular. “Vegetação”, “Vaca”, “Casas” e “Campo” são exemplos de palavras citadas por eles que, posteriormente, foram circuladas por fazerem parte das letras em estudo. Foi percebido o quanto acharam muito divertido circular palavras que outros colegas haviam citado anteriormente e, enquanto um deles se direcionava ao quadro, os outros faziam questão de ajudar. Logo depois, deixamos os alunos livres para a escolha de suas palavras com os sons do C e V e então eles citaram muitas outras palavras aleatórias, como “Cadeira” e “Vassoura”, mas, ainda assim, a maioria estava relacionada ao exercício anterior e suas vidas na área rural, suas vivências e cotidiano.

Diante disso, percebe-se a importância da presença da interdisciplinaridade na prática escolar e do ensino voltado para a realidade dos alunos. Essa familiarização com o que está sendo compartilhado pelo professor faz com que o aluno se sinta mais próximo e confortável para participar da aula e, assim, a aprendizagem se torna significativa e o ensino efetivo. Nesse sentido, o letramento está presente e relacionado ao uso competente da língua escrita nas múltiplas situações sociais, de maneira que essa prática não se restrinja apenas ao contexto escolar.

Segundo Soares (2009, p. 46), “trata-se de responder de maneira adequada às intensas demandas sociais, nas quais estão envolvidas diferentes formas de ler e escrever, conforme propósitos específicos e interlocutores distintos”. Ressalta-se que não tem como falar de letramento sem falar de alfabetização. Apesar de serem processos essencialmente diferentes, são interdependentes. Logo, é notória a necessidade de encaminhamentos didático-metodológicos que priorizem a interdisciplinaridade no tratamento dos conteúdos no processo de alfabetização e letramento.

Conforme elucida Coimbra (2000, p. 58), esta “[...] consiste num tema, objeto ou abordagem em que duas ou mais disciplinas intencionalmente

estabelecem nexos e vínculos entre si para alcançar um conhecimento mais abrangente, ao mesmo tempo diversificado e unificado”.

COTIDIANO E APRENDIZAGENS: PROJETO ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA

Para que pudéssemos realizar as assistências nas salas de aulas, participamos de formações específicas, oficinas, palestras, planejamentos, encontros e momentos avaliativos que nos proporcionaram a construção de planos de ação para trabalharmos e de saberes que nos auxiliavam e fomentavam as práticas em sala de aula.

Sendo assim, seguindo o plano do projeto a partir das assistências realizadas nas salas de aula, buscamos trabalhar, por meio da interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e troca de saberes com os demais ADs de outras licenciaturas, as demandas que nos eram passadas pelos professores titulares enquanto eles participavam do projeto de pós-graduação.

Segundo Piaget (1973), a interdisciplinaridade é uma forma de pensar. O enfoque epistemológico de Piaget propunha a interdisciplinaridade como a possibilidade de intercâmbio mútuo e a integração recíproca entre várias ciências. No que diz respeito à transdisciplinaridade, esta deve conter elementos que vão além das disciplinas, e do espaço disciplinar das classes de aula.

O interessante é que a transdisciplinaridade possui uma atitude mais aberta, de respeito mútuo e mesmo de humildade em relação ao conhecimento. Quando se constrói uma educação que pensa a amplitude dos temas que são apresentados, evitamos a aprendizagem mecânica dos alunos e isso é muito importante. Nesse sentido, a Carta da transdisciplinaridade direciona:

A visão transdisciplinar é resolutamente aberta na medida em que ela ultrapassa o campo das ciências exatas devido ao seu diálogo e sua reconciliação, não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior (p. 02).

O LEPETE e a Escola Normal Superior vêm buscando o aprimoramento da formação docente por meio da necessária articulação entre o que os alunos aprendem na universidade e o que experimentam na prática do chão da escola, considerando que justamente um dos aspectos mais importantes em relação à formação docente é proporcionar ao aluno de várias licenciaturas oportunidades para que desenvolva a capacidade de relacionar teoria e prática docente. Desse modo, buscamos trabalhar os conteúdos de modo a integrar os conteúdos na sala, com as crianças, correlacionando-os com aplicações reais do cotidiano do estudante, saindo da mera repetição e memorização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com as turmas do 2º e 3º ano A da Escola Ambientalista Chico Mendes nos proporcionou grandes aprendizagens, do conhecimento sobre a realidade da escola ao trabalho minucioso envolvendo a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. A realidade vivenciada por meio dessa prática no âmbito escolar pode ser vista como uma profissionalização docente, que contribui para as nossas identidades profissionais baseadas na reflexão de práticas pedagógicas inovadoras.

Por meio da observação da realidade na escola, podemos constatar que o processo de formação docente é uma atuação repleta de desafios, a qual é preciso ressignificar sempre que possível. Ademais, a atuação nas escolas contribui significativamente para a formação inicial que nos permite articular os saberes adquiridos na universidade com a construção das nossas práticas.

REFERÊNCIAS

COIMBRA, José de Ávila Aguiar. Considerações sobre interdisciplinaridade. *In*: PHILIPPI JR., Arlindo *et al.* (ed.). **Interdisciplinaridade em ciências ambientais**. São Paulo: Signus, 2000. Covento da Arrábida: Centro de Educação Transdisciplinar, 6 de novembro de 1994.

FREITAS, de Lima; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab. Carta da Transdisciplinaridade. *In*: NICOLESCO, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Tradução de Lúcia Pereira de Sousa. São Paulo: Triom, 2000.

GUIMARÃES, Karina Perez. **Desafios e perspectivas para o ensino de matemática**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

PIAGET, J. **Problemas gerais da investigação interdisciplinar e mecanismos comuns**. Lisboa: Bertrand, 1973.

SOARES, Magda Becker. **Letrar é mais que alfabetizar**. Nossa língua, nossa pátria, 24 jul. 2008.

ANEXOS

Figura 1 - Figura Momento da Assistência à Docência em sala de aula da Escola Municipal Ambientalista Chico Mendes



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 2 - Momento da Assistência à Docência em sala de aula da Escola Municipal Ambientalista Chico Mendes



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.